

CÉSAR COSTA

O GUERREIRO DE AUKAZLAND



Capítulo 1 - O Nascer de um Guerreiro

Meu nome é Pistorius, sou apenas um velho agora e, finalmente, tenho a possibilidade de trocar a espada pela pena para registrar as coisas que vi e vivi, de modo a permitir que minhas futuras gerações possam saber quem eu sou. Apesar de já haver passado muitos anos desde os fatos que irei relatar, ainda consigo, com algum esforço, recordar como tudo aconteceu. Era apenas um jovem com dezenove anos, porém naquela época, essa já era a idade suficiente para um rapaz como eu se tornar um guerreiro. Minha mãe e eu vivíamos em uma aldeia muito isolada, um lugar de pessoas hospitaleiras e pacatas, uma vila chamada Aukazland. Levávamos uma vida boa, cercados de amigos que, devido à convivência harmoniosa que tínhamos, eram como uma parte de nossa família.

Tínhamos uma vida normal e pacata, nosso dia a dia não exigia mais do que as tarefas no campo, cuidar dos animais, caçar, pescar. As mulheres da vila passavam seu tempo cuidando da casa e ensinando as crianças a fazerem os serviços domésticos: Sim, até mesmo os garotos em Aukazland aprendiam a cuidar de um lar, cozinhar, costurar, fabricar peças de argila, entre outras coisas. Isso era necessário devido ao fato de que muitos acabavam partindo para as guerras e precisavam saber como realizar as tarefas mais básicas. Os homens da vila, por sua vez, além de proverem o sustento do lar, ensinavam as crianças como combater, manejar espadas, lanças, fundas, arco e flecha. Essa educação, no entanto, não era dada às meninas, consideradas puras e sagradas demais, para serem corrompidas com o ensino da arte de matar e guerrear. Eventualmente, após adultas, as que quisessem poderiam aprender tal atividade.

Aukazland era um lugar fundado por antigos guerreiros, na verdade, os melhores que já caminharam por esta Terra. Pelo menos foi isso que sempre aprendi. Entretanto, apesar da grandeza de seus fundadores, não era um local de grande importância para nossa civilização. Não era um grande centro de comércio, ou ainda um ponto de passagem importante para os viajantes. Porém, era uma vila próspera, com muitas fazendas, criação de gado, galinhas, porcos e toda espécie de animais. Frequentemente, pequenas caravanas partiam de lá, rumo a Neoland e os homens retornavam repletos de peças de ouro, prata,

bronze e cobre. Sua segurança era reforçada por alguns dos melhores homens da cidade, devido aos inúmeros grupos de ladrões e assassinos que circulavam pelas estradas.

Enfim, de um modo geral, posso afirmar que tínhamos uma vida tranquila, sem muitas regalias, mas não existia pobres entre nós, não necessitávamos de líderes que nos governassem, pois todos respeitavam-se e conheciam os limites de sua liberdade. Não consigo pensar num lugar melhor onde pudesse ter vivido meus primeiros dezenove anos de vida. Contudo, apesar de toda paz e harmonia que gozávamos, aprendi que o mundo não é e jamais será um lugar perfeito onde poderemos viver tranquilamente até voltarmos ao pó e reencontrarmos nosso Criador... E aqui se inicia a história de como deixei de ser um simples rapaz num vilarejo, para me tornar um dos mais aclamados guerreiros da atualidade.

- Assassinos! – gritou o atalaia, dando o aviso para que todos se preparassem.

- Corram todos, eles estão chegando! – gritou outro.

A correria pela vila logo tornou-se um caos. As pessoas tentavam recolher-se em suas residências, procuravam fugir para os campos, enfim livrar-se da ameaça que se aproximava. Eu estava deitado, descansando após ter cuidado do gado durante toda a manhã, quando minha mãe entrou quase sem fôlego em casa.

- Pistorius, meu filho, corra para bem longe para se salvar!

Ela pegou minhas mãos e me ergueu. Saímos correndo pela rua, uma enorme nuvem de poeira havia se formado. Várias pessoas corriam e muitas nos esbarravam. Logo fui arrastado por uma pequena multidão. Minha mãe soltou minha mão, dizendo que seguisse para a floresta, pois ela precisava voltar à nossa casa, mas logo estaria comigo.

- Mãe? Mãe? Onde estás que não consigo ver-te? – gritei enquanto era empurrado na direção oposta.

Ouvi-a gritar alguma coisa, mas não conseguia compreender o que dizia, apenas compreendi que ela insistia para que eu fugisse sem olhar para trás.

- Mãe!? Mãããããããeeee! – gritei, na esperança de que ela me ouvisse e me acompanhasse.

Naquele dia, fomos atacados por um grupo de ladrões, eram muitos, cerca de cinquenta. Poderíamos ter resistido ao ataque se estivéssemos de sobreaviso, mas a surpresa foi uma arma poderosa a serviço do inimigo. Eram liderados por um homem muito cruel, pois matava mulheres e crianças sem nenhuma piedade. Jamais ouvira falar daquele sujeito e gostaria de que as coisas tivessem permanecido dessa maneira. Os bandidos foram impiedosos, atacaram homens, mulheres, crianças e idosos, não pouparam qualquer um a que tiveram a chance de matar. Como uma caravana de homens havia partido recentemente, o contingente estava muito diminuído, e não foi capaz de fazer frente a tamanho massacre.

Os invasores saquearam tudo e ainda levaram algumas mulheres, provavelmente para transformá-las em suas escravas. Quando se deu por satisfeito, o bando partiu, deixando apenas alguns poucos vivos para trás, pois não foi de seu interesse vasculhar as matas ao redor em busca de sobreviventes. Por sorte ou azar, não sei, um dos que não pereceu nesse dia fui eu. Não que me orgulhe disso, pois tive que agir como um covarde, correr e me esconder, mas pensei que, se minha mãe sobrevivesse, ela precisaria mais de mim vivo do que morto. Corri até minha casa que ardia em chamas, provavelmente o fogo que minha mãe fizera para cozinhar alguns alimentos havia se espalhado com a confusão. Vi algo caído num canto de um dos cômodos. Com algum esforço diminuí um pouco as chamas, usando o cobertor com o qual me cobria quando a confusão começou e, com a ajuda de uma haste de madeira, empurrei para longe das chamas aquilo que vira em meio ao incêndio.

Tive uma visão horrível. Era o corpo queimado de uma mulher. As lágrimas escorreram automaticamente pelo meu rosto, comecei a tremer, senti as pernas falharem e meu coração ficou apertado. Não me restavam mais dúvidas: Minha mãe havia morrido. Sentei-me no chão e lamentei. Meus gritos ecoaram pela vila vazia e destruída. Simplesmente não sabia o que fazer, nem para onde ir. Com minha mãe assassinada por um grupo de ladrões, e não tendo um pai, pois este havia falecido logo que nasci, eu não possuía nenhum outro parente. Peguei uma vasilha e tentei abafar o fogo jogando areia sobre ele, mas era tarde demais, a casa já começava a se cair, pois as chamas haviam abalado suas estruturas.

Saí de casa, antes que o fogo terminasse de se espalhar e caminhei cabisbaixo pela vila. Estava tudo desolado! O som do clamor, do choro e do ranger de dentes, se espalhava

pelo lugar. Os poucos sobreviventes lamentavam pelos seus mortos e por suas vidas destruídas. Nada fazia lembrar o feliz povoado que antes existia ali. Meu peito ardia, minha cabeça doía e meus olhos lavavam meu rosto com as lágrimas. Contudo, apesar de todo meu sofrimento, só conseguia pensar em uma coisa: Vingança... Mas, como? Eu era apenas um rapaz inexperiente e sequer sabia de quem se tratavam os animais responsáveis por tamanho desastre.

Sem família, casa e opções, recordei-me que uma vez minha mãe havia falado sobre um parente que ainda nos restava. Um tio que morava num lugar distante, além das terras do norte, segundo as últimas informações que ela recebera do paradeiro dele e de sua família. Nas condições em que me encontrava, restava-me apenas um caminho a seguir: Buscar abrigo com meu tio, isso se ele ainda morasse no mesmo lugar e se eu conseguisse chegar até ele, visto que não havia viajado muito em minha vida e, ainda assim, quando o fizera fora apenas para lugares próximos.

Decidido a seguir essa ideia, fui até os fundos de minha casa, agora completamente destruída pelo incêndio, peguei uma pequena pá de madeira, que estava junto às demais ferramentas e pus-me a cavar, até que encontrei uma grande caixa de madeira enterrada. Terminei de cavar de modo a desobstruí-la, retirei a pesada tampa e vislumbrei a excepcional vestimenta. Retirei da caixa e vesti a armadura de meu pai, feita de um metal muito duro, trabalhada com ouro e muitos detalhes em prata. Felizmente, por estar escondida, ela não havia sido pilhada pelos bandidos, nem prejudicada pelas chamas.

Como eu tinha boa estatura e um excelente preparo físico, a armadura de meu pai serviu-me com certa precisão. Dentro da grande caixa, peguei também a espada, que não ficava atrás da armadura, em beleza e detalhamentos. Preparando-me da melhor maneira que pude, buscando orientar-me pelo sol e pelas estrelas, parti então em direção às terras do norte. Naquela altura, eu não poderia imaginar, mas estava prestes a enfrentar uma dura jornada que me traria grandes surpresas e desafios.

Após caminhar por alguns dias, racionando a parca provisão que consegui reunir, cheguei a Neoland, uma aldeia muito maior e mais desenvolvida que o vilarejo aonde eu vivia. As notícias já haviam chegado até ali, e os homens de Aukazland já haviam retornado para o que restara de seus lares. Encontrei com alguns deles pelo caminho e

expliquei-lhes melhor o que havia acontecido. Desesperados, partiam para lá, tentando reencontrar suas família e o que sobrara de suas posses.

Além de maior e mais desenvolvida, Neoland de forma alguma era tão calma, ordeira e hospitaleira como Aukazland. Havia muito mais pessoas andando pelas ruas, muitos tipos estranhos, pessoas de caras carrancudas, criaturas de outras raças como Orcs, Ogros, Trolls e todo o tipo de seres que jamais pudera imaginar. No local onde estava, acontecia uma espécie de feira na rua, as moscas infestavam o lugar que estava repleto de todo tipo de carnes, ervas, verduras, vegetais e especiarias. Uma verdadeira confusão, à qual eu não estava acostumado.

Um pouco perdido e estonteado pelo ambiente, deparei-me com um senhor, visivelmente já de bastante idade. Sendo um velho, imaginei que seria a pessoa mais adequada a me dar informações sobre o lugar, que me espantava quanto mais eu permanecia ali. Sem jeito, aproximei-me do senhor e o indaguei:

- Com licença, acabo de chegar à aldeia e não conheço nada por aqui. O senhor poderia me informar algum lugar onde eu poderia encontrar algo para comer? – o homem olhou-me de cima a baixo, de modo estranho.

- Tens dinheiro? Nesta cidade pode-se conseguir tudo com dinheiro! - disse ele.

- Sim, disponho de alguns recursos, mas não muito. O senhor sabe ou não de algum lugar? Viajo há dias, estou cansado e com fome!

- Certo, meu rapaz, tu podes caminhar cerca de cinquenta passos ao norte e entrar numa pequena rua à esquerda. Lá haverá um lugar bem apropriado para saciares tua fome. – o velho tinha um brilho estranho no olhar.

Sem querer me demorar na presença de tão estranha figura, agradeci pela informação e recomecei minha caminhada contando meus passos para saber quantos eu já havia dado. Após percorrer a distância indicada pelo estranho velho, cheguei a tal rua que ele me dissera. Caminhei desconfiadamente, pois se tratava de um lugar bastante escuro e estranho, com aparência sombria e um cheiro de podre, quase insuportável. Quanto mais me aprofundava, mais sentia que algo estava errado. O local era ladeado por casas velhas e pobres o que lhe dava um aspecto ainda mais sinistro àquele lugar. Aos poucos a rua foi ficando mais estreita, até que percebi se tratar de um beco sem saída. Fiquei em estado de

alerta. Escutei passos vindos de trás de mim. Imaginando que o velho me seguira, abaixei-me e peguei um toco de madeira podre que estava aos meus pés. Num gesto rápido, virei-me enquanto falava:

- Velho maldito! Mandou-me para uma emboscada... Tome isso...

Atirei o pedaço de madeira em direção a quem estava atrás de mim. Um estranho homem, que não o velho, atirou-se ao chão e rolou, desviando-se do objeto lançado em sua direção. Instintivamente, saquei a espada de meu pai, enquanto o homem levantou-se, puxando também sua arma, e começamos a lutar. Era um sujeito de estatura média, mas muito forte. Vestia trapos sujos e malcheirosos, bastante adequados ao lugar. Tinha um olhar furioso e confuso, mas certamente decidido a conseguir de mim tudo o que pudesse. Como um jovem guerreiro, havia recebido algum treinamento em minha aldeia, porém jamais havia enfrentado um verdadeiro combate e muito menos havia tido a oportunidade de derramar sangue humano. Apesar de não vacilar, eu tremia da cabeça aos pés, e meu adversário, certamente, percebia o meu nervosismo e inexperiência, o que só aumentava sua confiança.

- Quem és tu? - indaguei.

- Alguém que terá o prazer de tomar seu dinheiro, sua bela armadura e a sua espada. Esses artigos devem valer uma fortuna no mercado da cidade. – ele falava num tom debochado.

- Não tenho dinheiro. - repliquei.

- Claro que tens, o velho me disse. Achas que sou algum tolo? Façamos assim, dê-me o dinheiro e tudo mais que tens de valor, e então deixá-lo-ei partir com sua vida.

- Não tenho dinheiro já disse, e jamais permitiria que alguém tomasse a arma e vestimenta de meu falecido pai, esta é a única recordação que possuo. Tudo o que desejo é rumar em paz para as terras do norte, em busca de meu tio, meu único parente vivo. Deixe-me passar e esqueceremos que isto aconteceu! – falei, retirando a coragem não sei de onde.

- Dê-me seu dinheiro ou vou mandá-lo para o inferno junto com seu pai, vais morrer, maldito! – o homem demonstrava impaciência.

Duelávamos com vigor, nossas espadas se chocavam enquanto gritávamos o diálogo travado anteriormente. Estava surpreso com minha desenvoltura até ali, mas após mais algumas trocas de golpes, senti meu corpo arder como nunca sentira antes em minha vida. Olhei para a espada do meu oponente e vi que estava banhada em sangue. Por um segundo desconcentrei-me do combate, corri os olhos por meu corpo com certa ansiedade e percebi, então, que havia recebido um golpe em minha barriga, que não parava de sangrar.

Apesar de feita com muito esmero, a armadura não era projetada para cobrir todo o corpo, somente peito, ombros e as laterais. Originalmente, havia uma cota de malha presa na parte que cobria o abdômen, mas eu não a possuía. Talvez fora construída dessa maneira, para evitar o excesso de peso e aumentar a mobilidade de quem a usava. Muito assustado e tomado de imensa ira senti, pela primeira de muitas vezes em minha vida, uma estranha sensação, que me percorreu todo o corpo. Eu não sabia o que estava acontecendo, mas encarei um homem horrorizado, quando finalmente levantei meu olhar.

- O que é isso? Seus olhos... Tu és de outro mundo?

Soltei minha espada, que caiu com um pesado baque no chão, retirei minha armadura com alguma dificuldade, pois o ferimento doía bastante, corri até o ladrão, que a essa altura me olhava atônito e, com um só golpe, enfiei a mão em seu peito, arrancando-lhe o coração. Com espanto, vi o corpo inerte de meu oponente cair ao chão. Ainda assustado, peguei minha espada e saí correndo desesperado, deixando para trás a armadura que não aguentaria carregar e um rastro de sangue no chão. Caminhei, tentando estancar o sangramento com minhas mãos, mas não parecia ajudar em muita coisa. Não sabia para que lado caminhar, para pedir ajuda e, depois de andar por um tempo, já sem forças, caí ao solo.

Sem saber o que havia acontecido, onde estava e quanto tempo se passara, acordei confuso, com o rosto coberto de areia e envolto por uma poça de sangue. Sem erguer a cabeça, que doía bastante, olhei para o lado e vi um lobo grande e cinzento, que lambia meu sangue espalhado pelo chão. Como se acordasse de uma grande embriaguez, levei minha mão até o ferimento e apalpei minha barriga. Nada! O corte havia sumido...

- Deves estar tentando compreender o que aconteceu... Isso eu posso te responder! – ouvi a voz, seguida de uma maléfica gargalhada.

Olhei para o lado e vi o maldito velho que me enviou para a emboscada. Sentei-me, sacudindo a cabeça, como se tentasse acordar de um sonho ruim. Reparando um pouco mais no velho, vi que ele estava diferente da primeira vez em que nos encontramos. Ele não usava mais os mesmos trapos, nem estava com o corpo envergado. Contudo, apesar da mudança de vestimenta e postura, seu rosto era inconfundível.

Agora ele usava uma vestimenta preta e comprida que ia até os pés. Embora seus trajes não estivessem muito limpos, o que era normal para um lugar como aquele, conservavam um brilho estranho, como se ele emanasse uma espécie de energia. Tinha na mão direita um grande cajado que ia do chão até a ponta de seu nariz. Devia ter em torno de um metro e oitenta e cinco, visto que não era muito menor do que eu, que tenho um e noventa. O sujeito tinha também olhos negros e profundos, que contrastavam com seus cabelos grisalhos. Após analisá-lo, levantei-me e procurei pela minha espada, mas não a encontrei. Irritado, corri para cima do velho quando, de repente, senti meu corpo todo ser paralisado.

- Quem és tu, velho maldito? O que está acontecendo?

- Calma, rapaz. Meu nome é Kitle, sou um velho mago. O que aconteceu contigo é bem fácil de explicar. Foste ferido e já estavas para morrer, quando lhe dei um elixir da vida. Agora... Deves-me um favor! – ele soltou uma gargalhada, novamente.

- Eu não te devo nada, solte-me e verás... Vou acabar contigo!

- Está bem, então tu podes ficar aí parado para o resto de sua vida. Adeus!

- Ei, onde pensas que vais? Volte aqui, velho miserável! – estava tão irado que sequer conseguia refletir direito.

Kitle começou a se afastar, senti que aquele seria meu fim. Se ele partisse, ficaria ali petrificado até morrer de fome. Resignando-me com a situação, não pude fazer outra coisa que não concordar com o sujeito.

- Está bem, o que queres que eu faça? – cedi.

- Muito bom, rapaz, sábia decisão. Preciso que vás até um lugar chamado “Taverna dos Trolls” e que converses com um sujeito chamado Burlet. Diga-lhe que eu o enviei e ele saberá do que se trata. – o velho tornou a virar-se para partir.

- Espere! Como vou saber quem ele é?

- Saberás, meu jovem, garanto-te que saberás!

Como num piscar de olhos, o velho desapareceu, galopando velozmente em um belo cavalo que estivera parado ao seu lado enquanto conversava comigo. Segundos após sua saída, recobrei meus movimentos e, ainda com o corpo dolorido e meio atordoado, comecei a caminhar sem rumo. Tudo o que eu queria era encontrar meu tio nas terras do norte, viver sossegado com sua família e tentar ser o mais feliz que pudesse sem a presença de muitos de meus entes queridos. Entretanto, agora eu “devia” um favor a um velho mago e precisava falar com alguém que eu não fazia ideia de quem seria, sobre algo que eu sequer sabia do que se tratava. O pior de tudo foi que o velho partiu, levou minha espada consigo e minha armadura estava desaparecida.

Andando, cheguei a um descampado aonde havia um homem aleijado que, vendome, veio até mim. Olhou-me de cima abaixo, sorriu e, com o jeito de falar dos vendedores, disse:

- Queres comprar algo? Tenho de tudo, de punhais até machados. Tenho espadas, cimitarras e tudo que um homem pode sonhar.

- Eu até gostaria, mas não tenho dinheiro. – respondi.

- Oh, jovem rapaz! Isso não é nada, vamos fazer assim... Vês aquele homem ali à frente? Ele é um gladiador e luta por dinheiro, é um bom lutador, mas já está velho e tem um ponto fraco... Os cotovelos não são muito bons. Faremos o seguinte, lutas com ele, eu aposto alto em ti e, se ganhares, dou-te algumas peças de prata e uma espada. O que achas?

- O senhor nunca me viu lutar antes, como pode confiar tanto assim?

- Ora, meu rapaz, és jovem e podes fazer qualquer coisa. Aceitas minha oferta?

- E se eu perder, o que acontece?

- Nada! Nada pode acontecer aos mortos!

O homem saiu de perto de mim e foi falar com o gladiador, seu nome era Sargus e havia algum tempo que não era derrotado. Não muito diferente da maioria dos homens daquele povoado, ele tinha a pele escura e altura mediana, ombros largos, braços grossos e fortes, parecia um monstro, tinha também as mãos enormes com dedos grossos e calejados.

Apesar de minha relutância, a luta foi combinada para dali à uma hora, mas havia um problema...

- Sabe, estou com um pouco de fome, onde poderia comer algo? – perguntei ao aleijado.

- Tudo bem, rapaz, vou te levar a um bom lugar, o melhor que temos, e fica bem perto daqui. Chama-se “Taverna dos Trolls”!

Entramos na taverna e reparei que havia muitas pessoas, Trolls e toda a espécie de criaturas esquisitas. Era um lugar muito estranho e sombrio, tinha um aspecto sujo e não parecia nada acolhedor. Não que eu esperasse um ambiente melhor num lugar com o nome de “Taverna dos Trolls”, mas de qualquer forma nunca imaginara que pudessem existir lugares assim. Olhando ao redor, à procura do tal Burlet, reparei em alguns Trolls, anões e homens que estavam sentados em uma mesa jogando algum jogo, certamente apostando dinheiro, pois todos tinham peças de prata e ouro ao seu lado e estavam com uma expressão muito séria em seus rostos, o que os tornava ainda menos amigáveis. Em outro canto da taverna, havia um grupo de homens com longas barbas e elmos estranhos... “Esses devem ser os tais Vikings de que tanto se fala ultimamente” – pensei. Eles estavam já muito embriagados e cantavam alegremente, o que na verdade ajudava a descarregar um pouco o clima pesado daquele ambiente hostil.

Havia ainda aqueles que preferiam jogar dardos ou apenas conversar. Vez ou outra aconteciam algumas brigas, que eram rapidamente interrompidas por fortes Trolls que faziam a guarda do lugar. Pude ver também algumas mulheres que se ocupavam em divertir os homens que ali estavam. Havia especialmente um grupo grande de mulheres com aqueles vikings que estavam cantando, acho que sua cantoria e alegria atraíam a atenção delas, ou estas simplesmente estavam à procura de uma experiência nova com gente vinda de fora. Ao mesmo tempo em que aquele ambiente me assustava, também me fascinava. Eu nunca imaginara viver uma experiência dessas e, para mim, tudo era uma grande novidade, todas aquelas pessoas, música, barulho, confusão, começaram a despertar novos sentimentos dentro de mim... Uma espécie de liberdade!

Seguindo meu guia, sentei-me num banco em frente ao belo balcão. Em seguida, tomei um pouco de vinho e comi um pernil, que me haviam sido trazidos pelo taverneiro a

mando do aleijado que me acompanhava. Não sei se estavam muito bons ou se estava com muita fome, mas, com grandes dentadas e grandes goles, devorei o que foi posto à minha frente. Apenas observava o movimento quando me lembrei de minha missão e pensei: “Estranho, o velho disse que eu reconheceria Burlet, mas não consigo imaginar porque!” Virei para o homem que me acompanhava e perguntei:

- Onde está o Burlet que não o vejo?

- Burlet? Conheces o Burlet? Pelos céus, porque não me disseste isso antes? – o aleijado fez cara de assustado e cuspiu o vinho de sua boca.

- Mas... – tentei replicar.

- Ei, bom homem, pode dar mais um pernil para o meu garoto aqui, ele é amigo do Burlet! Vá chamá-lo e diga que um grande amigo dele está aqui e quer lhe falar. – o aleijado precipitou-se.

- Ei! Espere um pouco...

- Não se preocupe, rapaz, sei o que estou fazendo...

- Eu não conheço esse tal Burlet, nunca o vi em minha vida!

- O quê? Estás louco? Disseste-me que o conhecias e agora ele já está vindo, se descobrir que houve um engano certamente irá me matar!

- Eu não disse nada, tu o disseste!

Quando olhei para o lado, nem pude acreditar, o maior ser que eu já vira em minha vida parou do meu lado. Era um Troll de dois metros e meio de altura e certamente a criatura mais forte que já estivera diante de mim. Ainda mais forte que o gladiador com quem eu teria que lutar em breve. Tinha também uma enorme cicatriz no olho esquerdo, vestia roupas finas, nem parecia um Troll se comparado aos demais de sua raça presentes na taverna. Pelo horror nos olhos dos que o viam, certamente era muito temido e respeitado por todos os presentes. Visivelmente era o dono do lugar, uma vez que todos se dispunham a servi-lo assim que apareceu. Chegando perto do taverneiro, perguntou:

- Onde está o tal que diz ser meu amigo? – falou com voz áspera e forte.

- Não sei quem é, mas foi este aleijado que me pediu que o chamasse. – disse o taverneiro.

- O que queres, imbecil? Seu aleijado enrolador, o que queres desta vez?

- Este rapaz... Este rapaz está procurando o senhor. – ele apontou para mim.

- O que queres comigo, rapazinho?

- Bom, alguém me enviou aqui, o nome dele é Kitle!

- Kitle?! – indagou o aleijado assustado.

- Kitle?! – disse Burlet. - Venha comigo, rapaz, siga-me.

Burlet levou-me até uma sala que ficava nos fundos da taverna, deixando o aleijado do lado de fora, fechou a porta. Era uma sala bonita, bem diferente da taverna que deixara para trás de mim, tinha boa iluminação, prateleiras e estantes devidamente organizadas. O lugar tinha um aspecto limpo, certamente bem mais limpo que a parte dianteira de onde havíamos saído. No centro, vi uma enorme mesa rodeada por belas cadeiras trabalhadas com muito esmero e o máximo de perfeição que eu já vira em minha vida. Estando a sós comigo, indicando-me uma das cadeiras à mesa e puxando uma para si, sentamo-nos e começamos a conversar.

- Quer dizer então, que tu és o homem que Kitle enviaria a mim? Isso é muito curioso, não pareces ser mais do que um rapaz, embora tenhas um belo porte físico, vê-se muito bem. Qual seu nome?

- Pistorius.

- Sua idade?

- Dezenove.

- De onde vens?

- Sou de um pequeno vilarejo ao sul.

- Bom, um rapaz tão jovem como tu deve ser muito valente para aceitar o trabalho de Kitle. Contudo, vamos ao que interessa, pois tenho ainda muitos negócios a tratar e, embora Kitle mereça toda minha consideração, meus negócios são ainda mais importantes do que os dele. Pode parecer estranho, mas parece que já o vi em algum lugar, meu rapaz...

O que isso importa, não é verdade? Voltemos aos negócios. Ao leste daqui, existe uma floresta bem fechada de onde poucos saíram vivos e ainda os que conseguiram, ficaram loucos ou aleijados como esse imbecil que está aí fora, ele perdeu o braço ao fazer um serviço lá. Existe uma besta que é guardiã de um cristal, não sei por que, mas esse artefato interessa a Kitle, parece que possui alguma propriedade mágica...

- Espere! Por que fazes esses favores a Kitle? – perguntei.

- Digamos que devo a ele algumas coisas. Contudo, apenas indico o caminho e provenho o armamento necessário... Eu não vou junto.

- O quê? Queres dizer que eu vou sozinho?

- Não, podes escolher mais três pessoas para irem contigo, mas pense bem, é um serviço arriscado! Continuando... O cristal parece ser bem importante para Kitle, portanto se não queres ter um inimigo implacável pelo resto de sua vida, não faça gracinhas com ele. Não deves tocá-lo, nem tentar usá-lo e, em hipótese alguma, podes permitir que o alcancem antes de ti. Após tê-lo em suas mãos, não deves dá-lo a ninguém a não ser eu mesmo ou Kitle.

Alguém bateu à porta e ouviu-se uma voz vinda do lado de fora:

- Pistorius, sua luta, vamos! – gritou o aleijado.

- Tenho que ir, preciso fazer algo. – falei.

- Espero-te e a teus escolhidos aqui, amanhã de manhã. – ele acenou a cabeça.

Chegara a hora da luta, eu estava um pouco nervoso e inseguro, mas o aleijado disse que seria fácil, só acertar com força suficiente nos frágeis cotovelos de Sargus e a luta estaria praticamente vencida, uma vez que ele não conseguiria mais me atacar com grande eficiência... Moleza para alguém que, há pouco, matara um homem.

A praça estava lotada de gente, pessoas se aglomeraram à nossa volta, quando uma trombeta foi soada pelo organizador da luta. Todos pareciam muito excitados e nos olhavam como se estivessem ansiosos para assistir a um enterro. Abriu-se um grande círculo no meio daquela multidão e ali fomos colocados frente a frente, Sargus e eu. Ele olhou bem em meus olhos, passou o dedo indicador no pescoço de um lado a outro, apontou para mim e disse:

- Espero que tenhas amigos para chorar em seu enterro!
- Tenho amigos suficientes para carregar meu prêmio por esta vitória! – respondi.
- Comecem a luta! – alguém gritou.
- Quem colocou essa criança para lutar comigo? – indagou Sargus com uma risada.
- Criança? Veremos! – respondi.

Sem esperar, parti para cima de Sargus com toda a força e dei-lhe um chute no peito. Ele pegou minha perna, torceu e jogou-me no chão. Ia pisar em minha cabeça, mas desviei e consegui escapar. Levantei-me e acertei um golpe em suas costas desequilibrando-o. Ia acertar-lhe mais uma vez, mas ele virou-se rapidamente e defendeu meu golpe. Sargus deu-me um soco no rosto que me desequilibrou e eu caí para cima da multidão, que berrava satisfeita. Levantaram-me e eu meio tonto retornei ao centro do círculo para enfrentar meu oponente mais uma vez. Ele veio para cima de mim, mas consegui desviar com um giro. Meu adversário ficou meio atordoado e não viu quando aproveitei para dar um soco em seu cotovelo direito e...

- Aaaaahhh, minha mão! – gritei – Maldito aleijado, disse que era seu ponto fraco, mas é duro como uma pedra!

- Ele disse isso? Esse aleijado sempre faz isso com todos, como podes ser tão ingênuo? Minhas juntas são recobertas de aço, paguei bem caro para consegui-las. – Sargus soltou uma enorme gargalhada.

Corri para cima do aleijado com o intuito de matá-lo, mas o povo que fazia um círculo à nossa volta não permitiu que eu passasse, queriam ver sangue. Voltei-me para o meu oponente e estava com uma raiva tão grande que algo começou a acontecer. Senti o sangue ferver em minhas veias, fui tomado de uma súbita força que emanava de dentro de mim. Corri para cima de Sargus e, quando ia atacá-lo, alguém jogou uma espada para ele. Só então percebi que o aleijado havia combinado com ele para que me vencesse e ficassem com o dinheiro da aposta. O forte homem tentou me cortar com a espada, que percebi tratar-se daquela que fora do meu pai. “Maldito Kitle, tudo não passa de um jogo” – pensei.

- Devolva a espada de meu pai! – gritei para Sargus.
- Vamos fazer assim, vou entregá-la bem no meio das suas tripas. Lute rapaz!

A essa altura, minha raiva tornara-se ainda maior. Olhei para Sargus e, atrás dele, pude enxergar Kitle e o aleijado no meio da multidão. Olhei bem profundamente nos olhos do gladiador. Assustado, ele olhou para trás e disse:

- Modiat (esse era o nome do aleijado), não me falastes nada sobre isso! O que é aquilo nos olhos do rapaz?

Modiat olhou assustado para Kitle que abriu um sorriso e gritou:

- Acaba com ele, meu rapaz!

Sargus olhou novamente para mim. Com enorme assombro no olhar, somente colocou a espada à sua frente, como quem espera pela morte iminente. Corri até ele e, com um só golpe, quebrei a espada de meu pai e atravessei seu abdômen, espalhando suas entranhas pelo chão. As pessoas começaram a gritar e a correr assustadas. Modiat ajoelhou-se pedindo clemência, dizendo que não sabia de nada daquilo e que estava do meu lado.

- Faço qualquer coisa que quiseres! – exclamou o aleijado.

- Conheces bem a floresta a leste daqui, não é? – falei, erguendo-o pelo pescoço.

- Sim, conheço muito bem. – falou um pouco sufocado.

- Quero que venhas comigo até lá!

- Sim, sim, tudo o que quiseres. Só não me mate, por favor!

- Onde está o maldito Kitle?

- Estás à minha procura, rapaz? – ouvi a voz atrás de mim.

- Maldito Kitle, armaste tudo isso! O que afinal de contas...

- Eu só queria testá-lo, é impressionante o poder que tens. O que é aquilo nos seus olhos e como podes fazer essas coisas? Olhe para esse homem no chão, está feito em pedaços!

- Não sei como acontece, só fico com muita raiva e perco o controle, então sinto com se fogo corresse em minhas veias e então... O resto, todos já sabem!

- Muito bem, rapaz, precisas aprender a dominar isso, é uma grande arma contra seus oponentes.

- Kitle, preciso encontrar mais duas pessoas para irem comigo até a floresta. Onde poderei conseguir pessoas com coragem suficiente?

- O problema é seu, rapaz. – disse ele, virando-se e sumindo.

Eu precisava de reforços para empreender tão complicada e perigosa jornada e o meu prazo já estava terminando. Tudo o que eu tinha, à partir daquele momento, era Modiat. Ele era um homem, embora muito esquisito, não muito alto, na verdade parecia bem pequeno. Era um pouco encurvado, daqueles seres bem furtivos que costumam esgueirar-se pelas sombras, tinha os olhos castanhos, embora estivessem com uma constante tonalidade avermelhada o que lhe dava um aspecto ainda mais sinistro. Faltava-lhe o braço esquerdo, mas isso não parecia afetar sua habilidade para enganar as pessoas com quem fazia negócios. Preocupado em como completar nossa equipem, visto que não conhecia ninguém em Neoland, virei-me para o aleijado e perguntei:

- Modiat, onde podemos encontrar duas pessoas para irem conosco até a floresta?

- Muito simples, rapaz, é só fazeres com que alguém lhe deva um favor...

- O que queres dizer?

- Vê aquele Ogro ali adiante?

- Sim.

- E se a pedra no alto daquela casa, caísse de repente em cima dele e tu o salvasses? Será que ele te ficaria grato?

- Entendo... Boa ideia!

Depois de algum tempo, Modiat subiu no telhado da casa com alguma dificuldade e, esperando o momento certo, empurrou com uma alavanca uma grande pedra que ficava no topo da chaminé. Corri até o Ogro e, saltando sobre ele, o empurrei, livrando-o de ser esmagado. Ainda atordoado, ele disse:

- O que aconteceu? Quem és tu?

- Aquela pedra quase te matou, mas eu te salvei. – falei, apontando para a pedra.

- Muito obrigado, rapaz, devo-lhe minha vida. Essas malditas casas velhas caindo aos pedaços, foi muita sorte minha estares passando por aqui. Devo-te um favor!

- O que é isso! Não foi nada, não me debes nada!

- Nós Ogros temos um código de honra, se alguém nos salva a vida, servimos a ele até que possamos salvar-lhe também a vida algum dia.

- Hum, interessante, nunca ouvi falar que Ogros tivessem códigos de honra ou coisas assim... Para ser bem sincero, a maioria dos Ogros parece não gostar muito de regras.

- Não julgue todas as castas, baseado pela maioria. Muitos de nós temos sim um grande senso de amizade e respeito às normas. Pena que a maioria não aja dessa forma. Todos nos olham com maus olhos, mesmo antes de saber a que casta pertencemos. Posso te garantir que da casta de onde venho, temos costumes ordeiros e cumprimos com nossos códigos de honra e leis. E volto a repetir, salvaste minha vida, agora devo proteger a sua.

- Bom, se é assim que desejas que as coisas sejam, acredito em suas palavras, pode me acompanhar. Estou precisando mesmo de alguns homens corajosos e de valor para me ajudarem a realizar um serviço.

- Não é nada ilegal, não é? – perguntou o Ogro, curioso.

- Até onde eu sei, não. – respondi.

- Bom, sendo assim, então estou sob suas ordens. – disse o Ogro.

- Qual seu nome? – perguntei.

- Barukz, seu servo!

- Muito bem, Barukz, meu nome é Pistorius. O que temos que fazer é...

Após explicar a Barukz o que deveríamos fazer, resolvemos procurar um lugar para passar a noite. Apenas Modiat era da cidade, então resolvemos que ficaríamos na pensão em que ele costumava dormir. Como Barukz e eu não tínhamos dinheiro, o aleijado ficou responsável por pagar nossa estadia, afinal ele estava me devendo muito. No dia seguinte, cheguei até a “Taverna dos Trolls” com os dois homens que arranjava. Quando Burlet nos viu deu uma enorme gargalhada e disse:

- Rapaz, esses são os homens que tu escolheste para te ajudar? Um aleijado e um Ogro burro?

- Cale sua boca, maldito Troll, vou lhe mostrar quem é burro! – gritou Barukz.

- Fique quieto, Ogro idiota! Tu estás no meu território agora e tome cuidado, pois sabes bem que os Trolls não gostam muito dos Ogres, e veja quantos Trolls temos aqui. Uma palavrinha minha e tu já eras!

- Burlet! – interrompi. – Estou com um pequeno problema, não consegui o terceiro homem que me faltava e pensei se não poderia levar um de seus empregados.

- Rapaz, sinto muito, mas eu e meus homens não nos metemos nos negócios de Kitle, só passo as ordens e o resto é contigo. Tome! Aqui tem uma espada e botas, mais um machado para o Ogro fedorento e uma cimitarra para o inútil do aleijado, provisão para dez dias...

- Dez dias!? Vamos ficar lá todo esse tempo? – exclamei.

- Bom, na verdade deve ser mais, mas não creio que possas carregar mais do que isto, tome!

- Ótimo, vamos pessoal, uma longa jornada nos espera!

- Ei, Pistorius. – disse Burlet. – Venha aqui no canto um pouquinho.

- Sim, fale.

- Vais mesmo levar esses dois imbecis contigo?

- Foi o melhor que pude arrumar em tão pouco tempo.

- Pobre rapaz, foi um prazer conhecê-lo.

- Ainda vais ouvir falar muito de mim...

- Espero que sim, tu és um bom rapaz, tolo, mas um bom rapaz. Boa sorte!

- Não preciso de sorte, o que eu preciso eu já tenho! – mostrei-lhe meu punho e minha espada.

Partimos em direção à Floresta das Sombras, como era chamada. Eu não imaginava o que nos esperava adiante, mas logo no início de nossa jornada pude ter uma ideia do que viria pela frente... Saímos da cidade e, após caminharmos por algum tempo, chegamos a uma trilha um pouco isolada. Andávamos a passos largos para aproveitar o fôlego inicial, mas aquela trilha obrigou-nos a caminhar mais cautelosamente.

Enquanto passávamos por essa trilha, fomos surpreendidos e atacados por um grupo de salteadores conhecidos como os Dorks (como me informou Modiat, mais tarde). Eles eram cinco, nós apenas três, mas não nos intimidamos. Sacamos nossas armas e nos preparamos para acabar com aqueles malditos ladrões.

Barukz pegou seu machado, partiu para cima de um deles e começou a lutar ferozmente. O ladrão deu um golpe com uma vara no rosto do Ogro que caiu no chão. Corri para ajudá-lo, mas fui atacado pelas costas. Virei-me para ver meu oponente, que tentou me acertar com sua espada. Consegui desviar-me do golpe, mas não o suficiente, pois a espada passou de raspão e cortou o meu braço. Começamos a duelar. Meu adversário era muito habilidoso, mas, finalmente, com um golpe de sorte, consegui derrubar sua espada e ele, assustado, recuou um pouco.

Enquanto isso, Modiat tentava se esquivar dos golpes de um imenso gigante que portava uma clava repleta de espinhos. Ao se inclinar para frente para dar um golpe, o gigante abriu sua guarda, então Modiat passou entre suas pernas e deu-lhe um golpe na virilha que quase decepou sua perna. O enorme oponente, perdendo as forças, caiu ao solo. Modiat subiu em suas costas, ergueu sua cimitarra e, com alguns golpes, cortou-lhe a cabeça.

Ao mesmo tempo, meu primeiro oponente estava vencido. Após derrubar sua espada e ele ter recuado assustado, dei-lhe um soco no rosto e, dando um golpe com o punho de minha espada, seu joelho foi quebrado. Parti então para cima de um sujeito muito estranho, com orelhas pontudas. Vindo para onde me dirigia, Barukz gritou:

- Não o ataque, Pistorius, ele é um Elfo. Cuidado!

Olhei para o Elfo e vi que seus olhos estavam esbranquiçados. Atordoado e aterrorizado, parei e contemplei a cena, ouvi um grito e olhei para o lado. Barukz acabara de cortar um homem ao meio com seu machado. Outro ladrão correu assustado e se embrenhou na mata. Modiat correu atrás dele, mas o chamei de volta e pedi que ficasse.

Éramos nós três e o Elfo, agora. Ele olhou para o ladrão com o joelho quebrado, que estava caído no chão, colocou a mão no bolso de sua capa, de lá retirou um pequeno rato e o jogou na direção do bandido caído, que começou a gritar. Em poucos segundos, o rato o matou, entrando por sua boca e lhe devorando as entranhas.

- Se esperam sair daqui com vida, acho melhor que me entreguem todas as suas coisas. – disse o Elfo.

- Cale-se, imbecil, não vêes que somos três contra um? – gritei.

- Três, o quê? Três idiotas é o que vejo! Um garoto, um Ogro burro e um homem aleijado. Vós não sois páreo para mim! Sinto muito, mas terei que...

O Elfo pulou à nossa frente e, fazendo um gesto com as mãos, completou:

- Destruí-los!

Uma rajada de raios saiu de suas mãos e veio em nossa direção. Pulei para o lado, mas fui atingido numa perna, senti um estranho formigamento, aparentemente sem maiores consequências. Modiat, sendo atingido fortemente no peito, caiu desacordado no chão e Barukz, saltando para o lado com grande agilidade, não foi atingido.

- Elfo maldito, veja o que fizeste, vais morrer! – gritou Barukz.

Os dois começaram a lutar, Barukz com seu machado e o Elfo com uma espada que tirara da cintura. Vez ou outra o estranho ser soltava alguma espécie de poderes mágicos que atordoavam o Ogro e davam-lhe alguma vantagem na luta. Corri até Modiat e certifiquei-me de que ainda estava vivo. Nesse momento, ouvi um grito estridente, olhei para o lado e vi que Barukz havia cortado uma das mãos do Elfo que havia perdido a sua espada. Nessa hora, aconteceu algo que jamais vira em minha vida. No lugar da mão perdida pelo Elfo, surgiu outra, feita de alguma espécie de metal. Agora ele usava aquela mão de metal para se defender dos ataques de Barukz, além de usar sua espada. Num momento de descuido do Ogro, a mão do ladrão foi encostada sua cabeça, matando-o com alguma espécie de força sobrenatural. Tremendo muito, Barukz caiu e, depois de alguns segundos se debatendo, ficou imóvel. Olhando para mim, o Elfo disse:

- E então, garoto, estamos um contra um. O que dizes agora?

- Digo que precisarei matá-lo sozinho!

- Venha, faça o seu melhor!

O Elfo partiu para cima de mim e começamos a lutar sem armas. A essa altura, o corte no meu braço e o machucado em minha perna nem me atrapalhavam, pois a raiva era tanta que não havia tempo para sentir dor. Lutamos por algum tempo, eu sempre evitava a

mão metálica, pois vira o que acontecera com Barukz. Acertei-lhe alguns golpes que o derrubaram no chão, mas cada vez que eu o derrubava, ele flutuava para longe de mim e punha-se novamente em pé. Eu não conseguia compreender como aquele maldito fazia tais coisas, nunca vira um ser de sua raça antes e não fazia ideia de como eram poderosos. Em alguns instantes da luta, meu oponente liberava rajadas de um estranho poder que deixava-me um pouco imobilizado, desse modo ele adquiria alguma vantagem. Duelávamos de igual para igual, mas eu já estava bastante fatigado. Nesse momento, a mão metálica do Elfo tocou em minha cabeça... Senti como se uma forte luz brilhasse diante de meus olhos, meus poucos dezenove anos de vida passaram por completo em minha mente, meu corpo perdeu as forças e caí ao solo.

Comecei a vagar por um estranho universo, era uma dimensão escura e fria, parecia uma cidade normal, mas tudo era negro e caótico, um lugar realmente assustador. Tinha a sensação de estar fora de meu corpo, flutuando num universo sem leis que me fizessem voltar ao chão. Olhei tudo à minha volta. “Estou morto” – pensei. Tudo parecia ser tão... Diferente. Comecei a meditar: “Se estou morto, provavelmente encontrarei Barukz por aqui, talvez meus pais”.

- Barukz! Pai, mãe!

Nada, não ouvia ou via ninguém, tudo girava em torno de mim. Deparei-me uma passagem escura e resolvi atravessá-la. O lugar tornara-se mais familiar para mim agora, parecia ser a minha aldeia, mas da forma como era antes de ser atacada por aqueles malditos ladrões. Comecei a ver meus medos, meu passado, meus sentimentos... Vi um homem estranho aproximar-se, dar ordens a muitos soldados montados em seus cavalos. Todos estavam com máscaras, mas dentre o tumulto formado, vi um homem retirar sua cobertura e tomar um gole de água. Vislumbrei uma mulher correndo com uma expressão muito grande de sofrimento. Ela gritou, mas não pude discernir o que dizia. Fiquei desesperado e comecei a correr na direção daquela mulher que me parecia muito familiar...

Eu corria, gritava, tentava alcançá-la, mas todos os meus esforços eram em vão. Aquela imagem apagou-se de repente da minha frente e vi um homem. Não sabia quem ele era aquele, mas estava sozinho. Tinha uma criança no colo e caminhava apressadamente. Ele parou, olhou ao redor como se esperasse alguém ou como se não quisesse que alguém o

visse. Colocou a criança no chão, pronunciou algumas palavras, que mais uma vez não pude discernir e fez um círculo ao redor dela. Como aconteceu com a imagem da mulher, aquela criança também me parecia familiar.

Após fazer esse círculo, o homem olhou novamente para os lados, parecia estar muito preocupado. Vindo de algum lugar, outro homem chegou, eles apertaram as mãos e o recém-chegado pegou a criança, montou em seu cavalo e partiu. Uma nova imagem turva formou-se à minha frente, fiquei confuso. Uma colina apareceu, percebi um menino correndo sozinho... Não parecia estar fugindo, não, definitivamente não estava fugindo, mas sim brincando, pois dava saltos e parava para mexer com algumas borboletas. Mais uma vez formou-se um borrão e vi tudo escuro. Só então, percebi que estava viajando no universo de minha mente. “Elfo miserável” – pensei. – Como pode ter tal poder?

Lembrei-me das coisas que eu fizera com meus últimos oponentes, como teria conseguido aquilo? Busquei a resposta dentro de mim e descobri que toda a vez que eu concentrava minha mente apenas no ódio contra meus oponentes, por algum motivo, liberava um poder especial capaz de destruir qualquer coisa. Pensei mais uma vez na mulher que gritava, quem poderia ser? O tal homem com a criança, e o outro que chegou para pegá-la, quem seriam? Eu estava muito confuso, mas se aquilo era uma viagem dentro da minha cabeça, como tais imagens foram parar lá dentro? Eu as presenciara, de certo que sim, do contrário não as veria...

Despertei ouvindo a gargalhada de alguém. Olhei para cima e vi o Elfo que me atacara, ele estava em pé ao meu lado e observava-me. Quando despertei, percebi que talvez as coisas não tivessem saído como o inimigo esperava, pois foi grande sua surpresa ao ver-me abrir os olhos. Foi então que notei que toda aquela viagem em meu interior havia durado apenas alguns segundos. Arregalando os olhos, o Elfo disse:

- Vais morrer, garoto, eu disse que tu e os teus não eram páreo para mim. Pararei de ser piedoso. Podes ter escapado da primeira vez, mas a segunda será ainda mais forte e, certamente, fatal. Vais arrepender-te de teres cruzado meu caminho e de teres a ousadia de enfrentar-me. Prepare-se para morrer, desgraçado!

Num salto, levantei-me do chão, olhei para o Elfo, concentrei-me com todo o ódio possível que eu sentia por ele naquele momento e... Nada! Não senti a estranha energia que

me dava imenso poder. Tentei por mais uma vez concentrar-me, pensei em todas as pessoas que odiava, mas nada aconteceu novamente. Um pouco confuso e desconcertado, peguei minha espada e parti para cima do meu oponente, ele puxou também sua espada e recomeçamos o duelo. Espantava-me a habilidade dele, pois todos os outros haviam sido vencidos facilmente, mas com ele era diferente. Cortei o pé direito do Elfo com um golpe certo, mas, para meu espanto, outro pé metálico surgiu em seu lugar. Comecei a ficar ainda mais preocupado, pois aparentemente a cada parte cortada do corpo do Elfo um novo órgão metálico surgiria. Se continuasse agindo assim, em breve criaria um monstro praticamente indestrutível. Enquanto me preocupava em como fazer para eliminar aquele temível adversário, Modiat acordou e gritou:

- Pistorius, tens que atingi-lo na cabeça, é o único meio!

- Em que parte da cabeça? – indaguei.

- Não sei... Corte-a fora!

- Muito bem. – disse o Elfo. – Pode vir, aqui está minha cabeça. Só acho que não será tão fácil arrancá-la.

Corri para cima de meu adversário, que combateu-me ferozmente. Lutamos corpo a corpo por alguns minutos. Minhas esperanças de vencê-lo tornavam-se cada vez menores até que, num determinado momento da luta, onde nenhum dos dois levava vantagem, o Elfo deu um grito ainda mais estridente que o primeiro, quando fora atingido na mão e cuspiu sangue. Desesperado, tentou agarrar algo em suas costas e, girando à minha frente, pude ver o que o incomodava: Uma flecha cravada em sua coluna. Fiquei olhando parado para o Elfo sem entender o que estava acontecendo e sem saber o que fazer, quando ouvi uma voz de mulher ordenar:

- Vamos, mate-o!

Olhei para cima de uma árvore e vi uma bela moça que me olhava de modo aflito, com um ar de comando e com arco e flecha nas mãos. Fiquei parado, admirando-a espantado. Gesticulando nervosamente ela insistiu:

- Mate-o, depressa, antes que ele se recupere!

Sem hesitar, olhei mais uma vez para o Elfo, corri em sua direção e, com um só golpe, cortei-lhe a cabeça que, caindo, rolou entre as folhagens. Qual não foi o meu espanto, ao ver o corpo sem cabeça correr e atirar-se em cima de mim. Coloquei minha espada em minha frente para proteger-me e esta acabou penetrando-lhe o coração. Foi o fim do maldito Elfo. Tornei a olhar para a bela moça que me ajudara num momento tão difícil. Ela tinha boa estatura, era uma mulher forte, com cabelos castanhos encaracolados, olhos castanhos também, com certeza era uma linda moça. Mas, quem seria? De onde viera? Porque me ajudara? Qual seu nome? Muitas dúvidas pairavam no ar. Ao mesmo tempo eu me frustrava por não ter descoberto o que me levava a ter tamanho poder. Eu pensava que houvera descoberto o segredo, mas não funcionara contra o Elfo. Qual seria a origem e o motivo que desencadeava tal poder em mim?

Aproximei-me da jovem que, a essa altura, havia, com um salto, descido da árvore e indaguei-lhe:

- Qual o seu nome?

- Miriam. – respondeu-me a moça. – E o seu, qual é?

- Meu nome é Pistorius. De onde vieste? Quem és tu?

- Calma, rapaz, porque tantas perguntas? Digamos que sou uma amiga.

- O que queres?

Nesse momento lembrei-me de Barukz que, aparentemente, estava morto e, virando-me, corri até ele. Percebi que não havia morrido, provavelmente estava experimentando a mesma sensação que eu passara, mas talvez de alguma forma mais intensa, pois tinha movimentos involuntários dos músculos e começava a delirar. Miriam aproximou-se e perguntou-me se poderia ajudar, afastou-me de perto do Ogro e derramou alguma espécie de líquido em sua boca que o fez tremer e suar bastante. Depois de alguns minutos, Barukz levantou-se e começou a lutar com alguma espécie de inimigo imaginário até, por fim, dar-se conta de que estava acordado.

Contou-nos que tivera alguma espécie de sonho bem estranho, mas não entrou em muitos detalhes, disse apenas que viu e lembrou-se de muitas coisas das quais não gostaria

de se recordar. Estranhou a presença de Miriam, mas logo lhe agradeceu a ajuda após tudo ser explicado.

Conversei com a moça, contei-lhe um pouco de minha vida e ela relatou-me um pouco da sua. Disse-me que era uma espécie de andarilha, sempre buscando conhecer novas amizades e lugares. Tinha apenas dezessete anos e saíra de casa bem pequena, pois não suportava as atitudes de seu pai, que era um comerciante de rum e estava sempre embriagado. Contei-lhe o que acontecera com meus pais e o que precisava fazer agora. Convidei-a para se unir a nós, e ela aceitou prontamente. Começamos a caminhar rumo à Floresta das Sombras e nem imaginávamos o que nos aguardava...